

ÍNDICE

Prólogo	13
---------------	----

I.

SOB O SIGNO DE PLAUTO OU O PAÍS SUBTERRÂNEO

1. Camões, um marrano entre os labirintos	29
2. Rodrigues Lobo, coruja entre pardais	47
3. Maçonaria e <i>Kabbalah</i> ou a ciência das Academias	61
4. Sob o signo de Plauto ou o país subterrâneo.....	77

II.

TEIXEIRA DE PASCOAES OU O HEREGE DE SI MESMO

5. A sombra de Cristo	115
6. Da Terceira Idade à Segunda Vinda.....	135
7. O drama da convivência.....	145
8. O herege de si mesmo	163

III.

AGOSTINHO DA SILVA OU A OBRA DE UM MARRANO

9. Ser o que se é	179
10. O seu a seu dono.....	197

11. A grande ilusão	217
12. A obra de um marrano	237

IV.

ÁLVARO RIBEIRO OU O ESCÂNDALO EBIONITA

13. Estar entre dois	251
14. O escândalo ebionita.....	263
15. O monoteísmo puro	289
16. Obreiros de um mundo a fazer.....	315
Epílogo	347

PRÓLOGO

Nas páginas, hoje tão esquecidas e, todavia, tão necessárias, de *O Humanismo Universalista dos Portugueses*, Jaime Cortesão, abordando a *Peregrinação*, ilustra com insistência o modo como Fernão Mendes Pinto, astuto dissimulador, ali intentou criticar moralmente a política e a religião dos portugueses, pondo em boca alheia, por estrangeira, a diatribe própria. Por vezes, o ardil do grande aventureiro volve-se mesmo em lances da maior audácia:

Fazia António de Faria seu cruzeiro de pirata nas costas da Cochinchina, quando de noite o navio se aproximou do porto de Mutipinão. Ao romper do dia, mandou o corsário sondar o rio por um dos seus lugares-tenentes, que tornou com dois homens, os quais estavam dormindo numa barça de louça. António de Faria interrogou-os longamente.

«E perguntados – conta Fernão Mendes Pinto – se tinham em sua lei que viera Deos em algum tempo ao mundo, vestido em carne de homem humano, disserão que não, porque não podia haver cousa que obrigasse a tamanho extremo; porque pela excelência da natureza Divina estava livre de nossas misérias, e muito esquecido de cobiçar thesouros da terra porque tudo era pouquidade na presença de seu resplendor.»¹

¹ Jaime Cortesão, *O Humanismo Universalista dos Portugueses*, Lisboa: Portugália, 1965, p. 170.



Trata-se, como muito bem observa Cortesão, de «afirmações ou considerações de todo o ponto heréticas»²: contrárias ao dogma da Encarnação, postergam a divindade de Jesus Cristo. Bem certo que Fernão Mendes Pinto as não fez suas, nem dos portugueses que acompanhava; mas sabe-se ser a mera *alusão* um dos expedientes mais frequentados pela lábia marrana. Que Fernão Mendes Pinto fosse cristão-novo, é hipótese ainda hoje por confirmar; e a escassez de informes que sobre a sua biografia persiste em recair em muito adensa as incertezas. O texto da *Peregrinação*, que, pelas bastas perplexidades suscitadas ao seu leitor, consente um módico de tino ao enunciado de uma tal conjectura, mostra-se parco em dados sobre a vida do seu autor. Porventura operada de caso pensado, esta omissão não desdiria a circunstância de os sobrenomes *Mendes* e *Pinto* lhe sugerirem uma origem judaica, ou a coincidência de o ano de 1537, aquele em que Fernão parte para a viagem ali relatada, ser o imediatamente subsequente ao do estabelecimento definitivo e efectivo em Portugal do Tribunal do Santo Ofício. Quem o observa é Constance Hubbard Rose, trazida à colação por Gabriel Mordoch num brevíssimo artigo de 2016 – “Discurso Cristão-Novo na *Peregrinação* (1614) de Fernão Mendes Pinto”³ – que tem, entre outros, o mérito largo da panorâmica a voo de pássaro com que o investigador brasileiro ali faz o ponto da situação sobre a investigação em torno da judeidade daquele autor, trilho sobretudo explorado por Rebecca Catz, mas que concitou também o entusiasmo de António José Saraiva, e que outras passadas tem motivado, pese embora a barragem de um Aníbal Pinto de Castro, da pesada escola de Coimbra, ao proclamar, sem surpresa, a total irrelevância da possibilidade em apreço, numa posição perfunctória que – *et pour cause* – Mordoch, sumário, pôde remover.

Não que seja sequer mister postular o marranismo de Fernão Mendes Pinto. A putativa teologia dos chinos de Mutipinão vai, na verdade, ao encontro do magistério de Prisciliano e de seus seguidores, no dizer de Moisés Espírito Santo «o único cisma, a única heresia, o único desvio na história do actual território português»⁴, consoante se lê nas *Origens do*

² *Idem, ibidem.*

³ Apresentado à 10.^a Conferência Internacional da American Portuguese Studies Association, Stanford, CA (2016).

⁴ Moisés Espírito Santo, *Origens do Cristianismo Português*, Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões / Universidade Nova de Lisboa, 1993, pp. 175-176.



1.

CAMÕES, UM MARRANO ENTRE OS LABIRINTOS

Sob pena de se sofrer um desmentido da História, não se poderá hoje continuar a afirmar, como Eduardo Lourenço o fez numa das suas obras mais celebradas, ser Portugal um país que «não teve nunca, nem tem, propriamente, *problemas de identidade*»¹⁸; ou que tais problemas, se alguma vez os portugueses, «herdeiros de um passado e de uma vida duramente vividos mas sem fracturas ou conflitos particularmente dolorosos ou trágicos», os tinham tido, haviam sido de *superidentidade*¹⁹.

Não se julgue, porém, que o pensador se limitou a proclamar aquela inteireza de ordem histórico-política que permite distinguir Portugal, «excessivamente uno», de uma Espanha «“múltipla” na sua relação consigo mesma»²⁰. Não. Em sua irrestrita afirmação, essa *excessiva unidade* irá muito mais além. Num autêntico passe de mágica, assevera Lourenço, agora no seu *opus magnum*, sermos «um povo sem problemas de identificação étnica e histórica, mas perturbado em profundidade pela questão da sua *identidade* e da sua *vocação* num mundo em acelerada e imprevista metamorfose»²¹.

Sem problemas de identificação étnica e histórica. É espantoso o modo como Eduardo Lourenço ilude, entre nós, a cruciante questão

¹⁸ Eduardo Lourenço, *Nós e a Europa ou as duas razões*, Lisboa: INCM, 1988, p. 19.

¹⁹ *Idem, ibidem.*

²⁰ *Ibidem.*

²¹ Eduardo Lourenço, *O Labirinto da Saudade. Psicanálise mítica do destino português*, Lisboa: Dom Quixote, 1992, p. 120.



3.

MAÇONARIA E KABBALAH OU A CIÊNCIA DAS ACADEMIAS

Das academias literárias, mormente as do século XVII português, nos sugere Sampaio Bruno terem sido lojas maçónicas, ou o que a estas houvesse de servir de cobertura. O filósofo concede especial atenção à Academia dos Singulares, cujo presumível maçonismo se lhe terá, porventura, tornado patente pela iconografia frontispicial do par de volumes que os académicos publicaram. Nos rostos de ambos, uma pirâmide de livros que lhe são como degraus ascende à culminância de um Sol irradiante, simbólico de Apolo, a quem as sessões dos Singulares eram dedicadas. O símile com a emblemática maçónica é evidente.

A Academia dos Singulares tivera já uma primeira existência em 1628 – se tanto, em rigor, se pode afirmar. Considerando que o novo avatar exprime ruptura e não continuidade, Heitor Gomes Teixeira verifica «que a *segunda Academia dos Singulares de Lisboa*, muito mais do que na imitação das proclamadas academias italianas, ou na suposta academia da *Corte na Aldeia*, gizou a sua vida interna por decalque da dos *Generosos*»⁸².

A Academia dos Generosos, fundada em 1647, surgira igualmente em Lisboa. Conheceu uma primeira fase até 1668, coexistindo assim com os Singulares, activos, a fazer fé nos dois tomos que deram ao

⁸² Heitor Gomes Teixeira, *As Tábuas do Painel de um Auto (António Serrão de Crasto)*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1977, p. 87.



5.

A SOMBRA DE CRISTO

Que Teixeira de Pascoaes cultivou a heresia, sabemos-lo pelo próprio. O poeta confessa-o na suma antropológica d'*O Homem Universal*: «Sou um ignorante, no campo da ciência; e, no campo teológico, um herético»¹⁹⁵. Noutro passo do mesmo livro, Pascoaes retoma o rasto da confidência: «Quem glorifica um escritor? E um escritor herético para crentes e descrentes? E até para ele mesmo? (...) // Quem aplaude um escritor herético em todos os sentidos? Aplaudi-lo! Ou o queimam num *auto-de-fé* ou num *auto contra a fé*? Ou, mil vezes pior, escrevem, acerca dos seus trabalhos, baboseiras, nos jornais!»¹⁹⁶ A acrimónia do escritor terá, sobretudo, ficado a dever-se à hostilidade com que o *São Paulo* havia sido recebido, três anos antes, em meios antagónicos¹⁹⁷. Não fora essa, porém, a primeira vez

¹⁹⁵ Teixeira de Pascoaes, *O Homem Universal e outros escritos*, Lisboa: Assírio & Alvim, 1993, p. 107.

¹⁹⁶ *Idem*, p. 105.

¹⁹⁷ A asserção tende a justificar-se pelo modo como Pascoaes, logo no segundo capítulo d'*O Homem Universal*, aborda abertamente as reacções motivadas pelo surgimento da notável biografia do apóstolo: «Ninguém, como São Paulo, tangeu a lira da tempestade e da bonança, que, afinal, é tempestade desmaiada, a fúria do vento embrandecida no cair da chuva.

Por isso, acompanhei o grande Apóstolo nas suas viagens, perigos e naufrágios. E agrediram-me crentes e descrentes. Acusaram-me de inimigo da igreja e do estado, e de vendido à mesma igreja e ao mesmo estado! Mas tudo isso me desvanece. Não me desagrade desagradar a gregos e a troianos! Nem da Grécia nem de Tróia, mas

